

JESUS QUER SALVAR OS CRISTÃOS **CAPÍTULO UM** ■

O CLAMOR DO OPRIMIDO



Êxodo, o primeiro livro da Bíblia?

Bem... Sim e, lógico, não.

Não, porque o primeiro livro da Bíblia é o Gênesis.

Ao menos quando se pega a Bíblia e começa-se a ler “no princípio Deus criou os céus e a terra”.

Sim, porque muitos estudiosos veem Êxodo, o segundo livro da Bíblia, como aquele em que se inicia a história central da redenção — a libertação do Egito.¹

O Egito, a superpotência da época governada pelo faraó, reagiu à ameaça representada pelo crescente número de israelitas em seu país impondo-lhes a escravidão. Tinham de trabalhar todos os dias sem descanso na fabricação de tijolos, construindo depósitos para o faraó.²

¹ Nota-se a precedência do Êxodo pelo modo em que os judeus foram instruídos a lembrarem-se de Deus. O Antigo Testamento refere-se a Deus com frequência muito maior como “o Deus que te tirou do Egito” (32 vezes) do que Deus como “o Criador” (6 vezes). O êxodo é o contexto em que a história da criação é contada. Criação e libertação são fatos ligados um ao outro porque a libertação da criação exilada é fundamental para a história da Bíblia. O centro de gravidade da memória judaica, portanto, é menos o relato abstrato da criação e mais o evento concreto do êxodo. A tradução da Bíblia feita por Martinho Lutero para o alemão ajuda a ilustrar a questão. Seu título para o Gênesis, “1 Moisés” (“O primeiro livro de Moisés”) deixa claro que “no princípio Deus criou” foi dito pela primeira vez a escravos libertos por intermédio de Moisés. O estudioso hebreu John Durham (com título de Ph.D. de Oxford) defende esse mesmo raciocínio, iniciando seu comentário com a declaração: “O livro de Êxodo é o primeiro livro da Bíblia” (DURHAM, John. *Exodus. Word Biblical Commentary*. Waco, TX: Word, 1987. vol. 3, p. xix).

As 32 referências a “o Deus que te tirou do Egito”: Êxodo 3.12; 6.7; 20.2; 29.46; 32.1; 32.4; 32.8; 32.11; 32.23; Levítico 11.45; 19.36; 22.33; 25.38; 25.55; 26.13; 26.45; Números 15.41; Deuteronômio 5.6; 8.14; 13.5; 13.10; 20.1; Josué 24.17; Juizes 2.12; 6.8; 1Reis 9.9; 12.28; 2Reis 17.7; 2Crônicas 7.22; Neemias 9.18; Salmos 81.10; Daniel 9.15.

As 6 referências a “o Criador”: Deuteronômio 32.6; Eclesiastes 11.5; 12.1; Isaías 27.11; 40.28; 43.15.

² Êxodo 1,5

O Egito é um império

edificado sobre as costas do trabalho escravo israelita,

tijolo por

tijolo por

tijolo.

Contudo, logo de início, no livro de Êxodo, acontece uma ruptura. As coisas mudam. E essa mudança começa com Deus dizendo:

“Tenho visto a opressão sobre o meu povo...”

“Tenho escutado o seu clamor...”

“Desci para livrá-los...”

“Tenho visto como os egípcios os oprimem...”³

Um Deus que vê e ouve. Um Deus que ouve o clamor. A palavra hebraica usada aqui para clamor é *sa’aq*, e nós a encontramos em toda a Bíblia. *Sa’aq* é a expressão de dor, o ai, o som que proferimos quando feridos.⁴

³ Êxodo 3.7-9

⁴ A obra **The JPS Torah Commentary**: Exodus, de Nahum SARNA, chama *sa’aq* de “uma das palavras mais poderosas da língua [hebraica]. Impregnada de um sentido de afronta moral e paixão comovente, denota o clamor angustiado do oprimido, as súplicas agoniadas da vítima indefesa” (Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1991), p. 15. Walter Brueggemann chama o clamor do Êxodo de “grito primitivo a propiciar o desenvolvimento da história” (não é fantástico?); e prossegue, definindo *sa’aq*: “Por um lado, é o grito de dor e sofrimento acompanhado de certa dose de autopiedade, ao mesmo tempo que funciona também como a formalização de uma queixa às instâncias judiciárias. Quem se lamenta é o proponente da ação [...]. Israel não manifesta resignação; antes, expressa o senso combativo de quem foi prejudicado, acompanhado da expectativa poderosa de que será ouvido e receberá uma resposta” (BRUEGGEMANN, Walter. **The Prophetic Imagination**. 2. ed. Minneapolis: Fortress, 2001. p. 11,12).

No entanto, *sa'aq* é também uma pergunta, uma indagação a brotar da dor da ferida aberta. Onde está a justiça? Alguém a viu? Quem virá em meu socorro? Tem alguém me ouvindo? Ou estou sozinho aqui?

Sa'aq é o que o sangue de Abel faz da terra após ter sido assassinado pelo irmão.

Os israelitas estão oprimidos, aflitos, sofrendo — e, quando clamam, Deus ouve.

Ele é um Deus que sempre ouve o clamor.

Essa é uma característica fundamental de Deus: ele *sempre* ouve o clamor do oprimido.

O clamor inicia a história. Põe as engrenagens em movimento. Sacode a poeira e faz que as coisas se mexam. O clamor é o catalisador, a causa, o motivo para o desenrolar de uma nova história.

Contudo, nessa história, Deus não se limita a ouvir o clamor. Ele faz algo a respeito. O êxodo é o seu jeito de reagir ao clamor.

Pense em sua vida. Quais os momentos que mais moldam a sua pessoa? Se tivesse de escolher uns dois apenas, quais seriam? Períodos de transformação, tempos em que seus olhos foram abertos, decisões que tomou e que o afetaram pelo resto da vida.

Quantos deles aconteceram quando você tinha chegado ao fim da linha?

Quando tudo desmoronava?

Quando sua impotência lhe fez frente?

Quando estava pronto para admitir a impossibilidade de administrar a própria vida?

Quando não restava nada a fazer a não ser clamar?

Para muita gente, foi o clamor,

o desespero,

o reconhecimento da opressão em que viviam

que deu início à libertação.

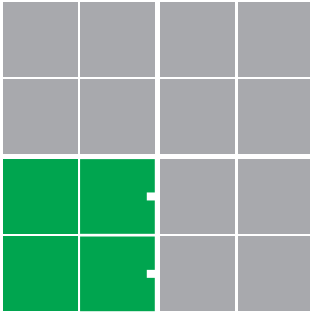
Quando nos encontramos no topo, quando o sistema opera em nosso favor, quando somos capazes de administrar nossa vida, o que sobra para Deus fazer?

O clamor, no entanto — o clamor dá início à história redentora. Os judeus escravos no Egito clamam, Deus ouve, e algo novo acontece. As coisas não são mais como eram. Tudo mudou.

Os judeus escravos são resgatados da opressão do Egito.

■ **EGITO**

Na Bíblia, o Egito é um lugar, um país, uma nação onde a história começa. E também muito, muito mais. Para entender quanto o Egito é fundamental para o fluxo da história bíblica, precisamos retornar à introdução da Bíblia, ao jardim do Éden.



■ EGITO

É-nos dito que Adão e Eva escolheram seguir um caminho próprio, explorar o lado de fora das fronteiras estabelecidas para eles por quem os criara. E seu relacionamento sofreu as consequências desse ato. A essa história, segue-se logo a história em que seu filho, Caim, mata o outro filho, Abel.

Tudo isso, de Adão e Eva para os filhos, acontece em rápida e dramática progressão. Passamos do comer um fruto para o assassinato em uma geração. As coisas desmoronam muito depressa.

Não só isso, mas logo depois do assassinato, um descendente próximo de Caim, Lameque, lamenta-se afirmando que, “se Caim é vingado sete vezes, Lameque o será setenta e sete”.⁵ A escalada de violência social é tão intensa que um parente próximo de Caim diz que as coisas estão 11 vezes pior do que antes. Então, quando chegamos ao capítulo 6 de Gênesis, pouco depois de Caim e Abel, descobrimos que o mundo inteiro segue para a destruição, exceto um homem e sua família. Em seguida, no capítulo 11, as pessoas unem-se para construir uma torre que (estão convencidas disso) as transformará em deuses.

⁵ Gênesis 4.24



O que começou com duas pessoas e algumas frutas
 cresceu para um assassinato entre membros da mesma família e
 para uma civilização inteira em desacordo com Deus.

A história desenrola-se em trágica sucessão: a natureza
 arruinada, tóxica, presente no coração de alguns humanos,
 espalhou-se agora para o mundo inteiro.

O que começou em um jardim, agora afeta o globo terrestre.

A palavra para essa condição é *antirreino*.⁶

Existe um Reino de Deus — a paz, *shalom*,⁷ o bem que Deus
 tem em mente para todas as coisas. E existe o que acontece
 quando sociedades, sistemas e impérios inteiros se opõem à
 vontade de Deus para o mundo.

Imagine uma menina escrava que mora no Egito perguntando
 ao pai por que ele está com o braço enfaixado. Ele lhe conta
 que foi açoitado por seu feitor naquele dia. Ela quer saber por
 quê. O pai explica que as cotas de tijolos haviam mudado fazia
 pouco tempo e que agora exigiam dele produção da mesma
 quantidade anterior, mas com a obrigação de providenciar
 sua própria palha.⁸ Diz que deixou de cumprir sua cota e
 por isso fora açoitado. A menina então quer saber por que o
 feitor simplesmente não fazia vista grossa — por que bater

⁶ Joe Ehrman, jogador da Liga Nacional de Futebol Americano (NFL) que atuava na defesa a partir do meio de campo e tornou-se pregador/ativista social, empregou o termo “antirreino” em seus ensinamentos na Grace Fellowship Church de Timonium, Maryland. Don participou dessa comunidade e o ouviu utilizar a expressão mais de uma vez entre 2001 e 2005.

⁷ *Shalom* abrange “tudo que constitui a vida sadia, harmoniosa”; é “a negação da insuficiência” em todos os níveis. Veja Ernst JENNI e Claus WESTERMANN, **The Theological Lexicon of the Old Testament**, Peabody, MA: Hendrickson, 1997, vol. 3, p. 1.337-1.348, em especial a parte inferior da p. 1.343).

⁸ Êxodo 5

em alguém? O homem esclarece que, se as cotas não são realizadas, seu feitor é açoitado pelo feitor *dele*. E, se o feitor *dele* não cumpre as cotas, é açoitado por *seu* supervisor, e assim por diante, ao longo de toda a cadeia de comando, até chegar ao faraó. O pai tenta fazer a filha entender que sim, o açoite fora aplicado por um homem específico, o feitor dele. Mas que seu feitor fazia parte de um sistema mais amplo, uma rede complexa de poder, violência, indústria e tecnologia que explora pessoas a fim de se expandir e obter lucro.

As faixas no braço desse pai são de um ferimento infligido por um homem. Ao mesmo tempo, são também resultado de todo um sistema de injustiça. A família da menina enfrenta uma maldade do coração humano individual que passou despercebida até ganhar pressão e que agora se encontra incrustada na estrutura da sua cultura.

Isso é antirreino.

O Egito é um antirreino.

O Egito é o que acontece quando o pecado ganha força.

O Egito é o que acontece quando o pecado se torna estruturado e incrustado na sociedade.

O Egito mostra-nos com que facilidade a natureza humana curva-se no sentido do uso do poder para a manutenção de privilégios à custa do mais fraco.

Imagine essa menina fazendo outras tantas perguntas a seu pai — perguntas não só acerca da vida que levavam no Egito, mas sobre a história deles: antes de mais nada, como foi que viemos parar aqui? Se somos israelitas, por que não estamos vivendo em Israel?

Imagine essa jovem escrava ouvindo o relato de Gênesis de como se tornaram escravos. A escalada de violência que se iniciou com os primeiros filhos culmina com a história da torre de Babel do capítulo 11. E o que usam para construir a torre?

Tijolos.⁹

Esses escravos do Egito, forçados a fabricar tijolos o dia todo, entenderiam a história da torre de Babel. É provável que dissessem: “Sabemos o que acontece quando as pessoas começam a edificar impérios com tijolos”.

O Êxodo diz respeito a uma pessoa, uma tribo, uma nação sendo resgatada da escravidão.

Com a libertação da ocupação.

Com o poder insurgente da redenção do império.

Deus envia um pastor chamado Moisés para levar o povo para fora do Egito. Moisés desafia o faraó, os israelitas não sabem muito bem quem é esse Deus e por que o faraó deveria dar-lhes ouvidos; até que chega a noite em que juntam seus pertences e deixam o Egito. Três dias depois, atravessam um mar — acontecimento posteriormente chamado de batismo de Moisés —¹⁰ e dançam na praia celebrando a própria libertação.¹¹

⁹ Gênesis 11.3 diz: “Vamos fazer tijolos e queimá-los bem’. Usavam tijolos em lugar de pedras, e piche em vez de argamassa”.

¹⁰ 1Coríntios 10.2

¹¹ Êxodo 15, “O Cântico de Moisés”, o primeiro hino de adoração da Bíblia. “Aquela que pode ser a composição poética mais coesa e antiga da Bíblia hebraica: um hino de louvor a Deus, o jeito bíblico de expressar gratidão” (SARNA, Nahum. **The JPS Torah Commentary**. Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1991. p. 75).

O que seria um belo fim para a história.

Isso, porém, não é o fim. É um começo, na verdade. Sua viagem os leva ao pé de um monte — o monte denominado Sinai.

E o que acontece no Sinai é revolucionário,

não só para esses ex-escravos,

tampouco só para a história bíblica,

mas para toda a humanidade.

SINAI

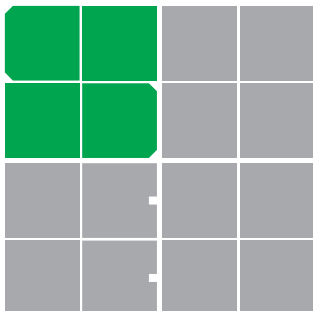
É aqui, no Sinai, que Deus fala.

Deus não dirige a palavra a um grupo de pessoas desde o Éden. Tudo calou-se, adquiriu contornos de um silêncio lúgubre. Houve intercâmbios entre pessoas — como Abraão e Noé —, mas não com as massas.¹²

Assim, quando Moisés diz ao povo junto ao Sinai “preparem-se” e depois os conduz para fora do acampamento “para encontrar-se com Deus”, isso tem a ver com muito mais do que um grupo de peregrinos no deserto reunindo-se para receber uma mensagem dos céus. Tem a ver com a humanidade alienada de seu Criador. Tem a ver com a distância primeva entre o divino e o humano, o hiato profundo na alma da humanidade. O Sinai é uma resposta à pergunta feita por Deus a Adão: “Onde está você?”. Este momento no Sinai está relacionado à reversão das consequências do Éden.

¹² Noé em Gênesis 6 e Abraão em Gênesis 12.

SINAI



EGITO

O Sinai é a quebra do silêncio.

Deus está por perto.

Deus está prestes a falar.

Acredita-se que essa seja a única tradição de fé na história da humanidade que tem como fato central um deus dirigindo a palavra a um grupo de pessoas, a todas ao mesmo tempo.¹³

Nunca houve nada parecido na história mundial.

Tal fato acontece no deserto, o que tem implicações globais.

Porque o incidente do Sinai deu-se no deserto, não no meio de uma nação, cidade ou província, onde alguém poderia arvorar-se em proprietário; destinava-se a todos os povos do mundo.¹⁴

¹³ De acordo com o **The JPS Torah Commentary**, de Nahum SARNA, “não existe paralelo à ideia de um Deus que se relaciona com um povo inteiro por meio de uma aliança” (Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1991), p. 102. Abraham Joshua Heschel põe a questão como só ele poderia: “Nunca mais fomos os mesmos desde o dia em que a voz de Deus abateu-se sobre nós no Sinai” (**Deus em busca do homem**. São Paulo: Arx, 2006).

¹⁴ Alguém em algum lugar chamou nossa atenção para esse fato, mas não lembramos onde, quando ou quem. Se foi você, meus parabéns. O jantar é por nossa conta.

Antes de falar diretamente ao povo, Deus manda Moisés lembrá-lo do êxodo. “Vocês viram o que fiz ao Egito e como os transportei sobre asas de águias e os trouxe para junto de mim”.¹⁵

É tudo graça.

É tudo um presente.

Resgate, redenção, libertação — tudo recebido de Deus.

“Agora, se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança...”¹⁶

O termo “aliança” é a palavra hebraica *berit*. De onde tiramos testamento, como em Antigo e Novo Testamentos. *Berit* transmite a ideia de “firmar-se um acordo”.¹⁷ Vem de uma antiga prática do Oriente Médio relacionada a acordos comerciais, legais e matrimoniais. Deus convida o povo a estabelecer uma aliança — uma espécie de casamento. O divino e o humano unindo-se em sagrado matrimônio.

Deus continua: “Embora toda a terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa”.¹⁸

Sacerdotes?

O sacerdote serve de mediador com o divino.

¹⁵ Êxodo 19.4. Don ouviu o finado David Mills pregar um sermão sobre essa passagem em 1994 a um grupo de pastores em uma pequena aldeia russa. A ideia original de “igreja” que acompanha a passagem mudou a vida dele. Parece ter causado efeito semelhante também no apóstolo Pedro (1Pedro 2.9).

¹⁶ Êxodo 19.5

¹⁷ “A origem da palavra no Antigo Testamento é objeto de discussão. Há quem a considere proveniente do hábito de compartilhar comida (Gênesis 26.30; 31.54); outros enfatizam a ideia do sacrifício animal”, como na aliança de Deus com Abraão em Gênesis 15.10-21 (ELWELL, Walter A. **Evangelical Dictionary of Biblical Theology**. Grand Rapids: Baker, 1996. p. 124).

¹⁸ Êxodo 19.5,6

Mediar é entrar no meio.

O sacerdote põe-se entre pessoas e um deus, ou deuses.

Mostra a você como é o deus a quem serve.

Quando você vai a um templo ou santuário e vê os sacerdotes ali —

o que eles fazem,

o que dizem a respeito daquele lugar,

os rituais que executam —,

você tem uma ideia do que é importante para o deus deles.

Portanto, ao convidar o povo para servir-lhe de sacerdotes, Deus o chama para mostrar ao mundo quem e como ele é.

Ora, existem sinais anteriores desse convite, quando ainda nem haviam partido do Egito. Em Êxodo 7, Moisés estava prestes a enfrentar o faraó e exigir que deixasse o povo ir. O texto afirma: “Disse o SENHOR a Moisés: ‘Vê que te constituí como Deus sobre Faraó’ ”.¹⁹

Como Deus?

Deus está dizendo a Moisés que o faraó o verá “como Deus”, ou pelo menos igual a um deus?

E isso não foi ideia de Moisés; a ideia foi do próprio Deus. O que está acontecendo aqui?

A resposta nos conduz a uma verdade universal: Deus precisa de um corpo. De carne e de sangue. De ossos e de pele,

¹⁹ Êxodo 7.1, **Almeida, Revista e Atualizada (ARA)**

para fazer saber ao faraó quem é esse Deus com o qual está lidando e como esse Deus age no mundo. Não apenas o faraó descobrirá isso, mas também toda a humanidade.

Esse é o Deus que liberta da opressão.

Contudo, não os convida só para serem sacerdotes; convida-os para comporem “uma nação santa”.²⁰ A palavra “nação” remete-nos a Gênesis. Gênesis tem a ver com o avanço do pecado, da violência e da morte — o que começou com um irmão matando o outro rapidamente deu lugar a uma civilização inteira opondo-se a Deus. Em seguida, Êxodo começa com os israelitas²¹ escravizados por uma nação. O pecado sempre ganha força quando incontido. O que sempre leva a instituições, culturas e estruturas do antirreino. O que leva a lugares desumanizantes, como o Egito se tornara, fato que os ex-escravos parados no sopé do Sinai conhecem bem. E Deus responde constituindo um tipo diferente de nação, uma “nação santa” moldada não pela ganância, pela violência e pelo poder corrupto, mas pela compaixão, pela justiça e pelo cuidado com o próximo.

É como se Deus dissesse: “Vocês experimentaram o Egito; agora os chamo para ser o anti-Egito”. Até esse momento,

²⁰ Êxodo 19.6

²¹ Optamos por usar a palavra israelita ao longo deste livro em vez de hebreu. Mas o termo hebreu tem muito a oferecer à narrativa. Alguns estudiosos relacionam os hebreus a um povo denominado habirus, que se estabeleceu no Oriente Médio da Antiguidade no segundo milênio anterior à Era Cristã. Trava-se um debate acadêmico sobre essa relação, mas Walter Brueggemann é um dos estudiosos que a estabelece. Se for mesmo verdade, escreve, “então as referências iniciais do que houve com Israel estão relacionadas com um movimento social limítrofe de povos marginais, precários. O conhecimento recente tem indicado que o termo não é étnico, mas sociológico, e refere-se àqueles à margem da viabilidade econômica e política em vários Estados da região” (BRUEGGEMANN. **Prophetic Imagination**, 134n. 4). Reporta-se à obra sociológica de Norman K. GOTTWALD, **As tribos de Iahweh**: uma sociologia da religião de Israel liberta (São Paulo: Paulinas, 1986).

Deus tem falado ao povo por intermédio de Moisés. Mas chega um ponto em que passa a falar diretamente ao povo, começando com as palavras “Eu sou o SENHOR, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão”.²²

Claro.

O único modo de compreender esse relacionamento de aliança entre Deus e o povo é compreendendo tudo o que já passaram juntos. Esse relacionamento bilateral está enraizado em um ato de libertação que Deus levou a cabo em benefício deles.

Não se trata aqui de um Deus abstrato pairando sobre o sangue, o pó e a dor do mundo. Trata-se de um Deus que se define basicamente pela ação em prol do oprimido.²³

“Eu sou o SENHOR [...] que te tirou.”

É aqui, no Sinai, com a lembrança da sua libertação pairando no ar, que Deus lhes dá os Dez Mandamentos.

Muita gente está familiarizada com os Dez Mandamentos. Costumam ser retratados como regras estritas promulgadas por um Deus que cospe fogo para manter as pessoas na linha. No entanto, quando considerados no contexto original, os mandamentos assumem significados absolutamente diferentes.

Lembre-se, essas pessoas viviam, até bem pouco tempo antes, como escravas. A escravidão é uma condição inumana em sua essência. Ter dono e ser tratado como propriedade

²² Êxodo 20.2

²³ A isso se dá o nome de encarnação, do latim *incarnatio*, que quer dizer “assumir carne humana” (**Eerdmans Bible Dictionary**. Grand Rapids: Eerdmans, 1987. p. 520).

roubava o povo da dignidade e honra de ser humano. Isso teve consequências profundas em como esses israelitas veem a si mesmos e ao mundo ao redor. O que Deus inaugura aqui no Sinal, com os Dez Mandamentos, é o longo processo de ensiná-los como ser humano de novo. Esses mandamentos são verdades vitais sobre o que significa viver em autêntica comunidade humana.

O primeiro mandamento instrui o povo a não ter “outros deuses além de mim”.²⁴ Há uma relação direta entre a sua humanidade e a capacidade que têm de recordar da própria libertação, a qual fora um presente de Deus. Caso se esqueçam de Deus — do único Deus verdadeiro que os libertou —, no mesmo instante se esquecerão da própria história. E, caso se esqueçam da própria história, poderão esquecer-se de como era ser escravo, voltando-se, assim, a um novo tipo de escravidão.

O segundo mandamento desenvolve-se a partir do primeiro, proibindo qualquer “imagem de qualquer coisa”.²⁵ No antigo Oriente Médio, as pessoas conceituavam seus vários deuses usando imagens. Fabricavam estátuas, esculturas e ídolos como representações físicas dos seres divinos que acreditavam controlar-lhes o destino. Uma estátua ou escultura confere forma, tamanho e profundidade ao divino. O ídolo ajudava as pessoas a entenderem de fato quem e como era seu deus.

O Deus do êxodo, no entanto, era diferente. Convida essas pessoas a serem sacerdotes, a mostrarem ao mundo como é, por meio de suas vidas. Não precisa de imagens fabricadas em madeira, pedra ou mármore porque tem pessoas.

²⁴ Êxodo 20.3

²⁵ v. 4

Esse Deus está à procura de um corpo.

O mandamento relacionado a ídolos e imagens dá lugar ao terceiro mandamento, que recomenda: “nunca use mal o meu nome”.²⁶ A palavra hebraica para “usar mal” também pode ser traduzida por “levar consigo”.²⁷ Deus redimiu esses ex-escravos e agora os convida para serem representantes dessa redenção no mundo, bem como do Deus que a viabilizou. Por eles, o mundo saberá quem é esse Deus. A reputação de Deus dependerá deles e de como “levam consigo” o nome de Deus. Sem dúvida, o mandamento tem a ver com as palavras proferidas. Todavia, em seu âmago, está muito mais relacionado a como Israel comporta-se sendo o povo que leva consigo o nome de Deus. A nação agirá em benefício do pobre e do oprimido? Porque é assim que esse Deus age.

O quarto mandamento ordena reservar o sábado, um dia a cada semana, e não executar trabalho algum.²⁸ No Egito, os escravos trabalhavam todos os dias sem parar, sendo tratados como objetos passíveis de exploração, não pessoas.²⁹ O sábado é o mandamento para reservar um dia por semana para lembrarem-se de que não estão mais no Egito, que o seu valor não advém da quantidade de tijolos que produzem. Sua importância vem do Deus que os resgatou, do Deus que os ama.

²⁶ v. 7, **BV**

²⁷ O termo hebraico *n's'*, “levar consigo” ou “tomar” (SARNA, Nahum. **The JPS Torah Commentary**. Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1991. p. 11).

²⁸ Êxodo 20.8

²⁹ O mandamento de guardar o sábado deveria ser entendido como contrário às condições de trabalho inumanas e às demandas produtivas pouco racionais do Egito do faraó. O texto diz que “os capatazes israelitas indicados pelos feitores do faraó eram espancados e interrogados: ‘Por que não completaram ontem e hoje a mesma cota de tijolos dos dias anteriores?’ ” (Êxodo 5.14). Quão belo, então, é um Deus que manda esses israelitas descansarem todas as semanas?

Os Dez Mandamentos são um novo modo de ser humano, um novo modo de viver e se mover no mundo, em aliança com o Deus que ouve o clamor dos oprimidos e os liberta.

Tudo que diz respeito aos demais mandamentos fala dessa libertação recém-descoberta. Deus convida, Deus guarda, Deus procura um novo corpo, um grupo de pessoas que seja seu corpo no mundo.

Seguem-se aos Dez Mandamentos todo tipo de leis e regulamentos sobre como viver desse jeito novo.³⁰ Aos israelitas, é ordenado não cobrar juros. “Se tomarem como garantia o manto do seu próximo, devolvam-no até o pôr do sol, porque o manto é a única coberta que ele possui para o corpo. Em que mais se deitaria? Quando ele clamar a mim, eu o ouvirei, pois sou misericordioso”.³¹

Você é capaz de detectar ecos do Egito nesse mandamento? Se começarem a oprimir quem está em volta deles, Deus avisa que, quando o oprimido clamar, “eu o ouvirei”. A advertência aqui é severa: não se transforme em outro faraó, pois Deus age *contra* pessoas como o faraó.

Recebem a seguinte determinação: “Não maltratem nem oprimam o estrangeiro, pois vocês foram estrangeiros no Egito. Não prejudiquem as viúvas nem os órfãos [...]. Não perverta o direito dos pobres em seus processos”.³²

³⁰ Êxodo 21-23

³¹ Êxodo 22.26,27

³² Êxodo 22.21,22;23.6

Deus ainda exorta sem parar: “porque se o fizerem, e eles clamarem a mim, eu certamente atenderei ao seu clamor”.³³

É como se Deus estivesse dizendo: “Tudo o que lhes aconteceu — vão e façam o mesmo pelos outros. A liberdade da opressão que hoje experimentam — ajudem outros a vivenciarem-na também. A graça que lhes foi oferecida quando estavam no fundo do poço — estendam-na a outros. Do mesmo modo que eu ouvi o clamor de vocês, vão e ouçam o clamor das demais pessoas e ajam em benefício delas”.

Deus mede a fé do seu povo pelo tratamento que dispensa às viúvas, aos órfãos, aos estrangeiros — aos fracos, enfim — que há no meio dele. Deseja que o povo leve o êxodo aos fracos, como Deus fez a esse povo quando estava fraco.

As palavras do Senhor direcionadas ao povo, por intermédio de Moisés, começam com “se me obedecerem fielmente”.³⁴

É um convite,

uma oportunidade,

mas também uma gigantesca condição, não?

“Se me obedecerem fielmente.”

O que propõe a pergunta: eles obedeceram?

Foram fiéis à aliança?

Como responderam ao convite?

Começamos com o Egito e depois passamos para o Sinai, mas, para responder a esse “se”, temos agora de ir a Jerusalém.

³³ Êxodo 22.23

³⁴ Êxodo 19.5



■ JERUSALÉM

Gerações mais tarde, os descendentes dos escravos que peregrinaram pelo deserto estabelecem-se na terra prometida. Seu grande rei Davi fixa-lhes as fronteiras; a terra e o povo experimentam paz; e o filho de Davi, Salomão, assume o poder. Ele é brilhante, sábio, rico, e Jerusalém, a capital do reino, começa a adquirir fama global. A rainha da terra de Sabá vem visitar Salomão.³⁵ Ela é de um lugar muito distante, de uma terra diferente, de um tipo diferente de povo, com uma religião diferente. Ainda assim, deseja conhecer mais sobre aquelas pessoas, sobre seu rei e sobre seu Deus em Jerusalém.

O Sinai não tinha tudo a ver com isso?

Deus procurava um corpo, uma nação para mostrar ao mundo exatamente quem e como é. Agora está acontecendo: estrangeiros de todos os cantos da Terra vêm fazer perguntas e aprender quem é esse Deus de verdade.

■ SINAI ■ JERUSALÉM



■ EGITO

³⁵ 1Reis 10



A rainha de Sabá testa Salomão com perguntas difíceis,
 come com ele,
 observa-o adorar seu Deus no templo,
 visita seu palácio e tudo que construiu e adquiriu com sua
 riqueza.

Depois de vistoriar o reino,

diz: “Por causa do amor eterno do SENHOR para com Israel, ele
 te fez rei, para manter a justiça e a retidão”.³⁶

Note bem, ela não diz que ele *está* mantendo a justiça e a
 retidão — mas que só pode haver um motivo para ter recebido
 tantas bênçãos de Deus.

Contudo, a que se refere quando fala em “justiça e retidão”?

Liberdade, libertação da violência, proteção de qualquer coisa
 desumanizante. A rainha de Sabá entende que Deus outorgou
 toda essa riqueza, poder e influência de modo que Salomão
 usasse tudo isso em prol dos pobres, fracos e injustiçados.

O que a impressiona mais no Deus de Salomão é ser Deus
 dos oprimidos. A rainha “pagã” de uma terra estrangeira
 percebe o que Deus pretende com o povo judeu que vive em
 Jerusalém.³⁷

Ela entende tudo.

³⁶ 1Reis 10.9

³⁷ A Bíblia está recheada de histórias em que personagens “pagãs” parecem
 apreender melhor os caminhos do Senhor que o povo do qual se esperaria tal
 discernimento. Veja o caso de Jetro em Êxodo 18, Raabe em Josué 2 e os magos
 nos Evangelhos. Quanto à jumenta de Balaão em Números 22, não temos
 tanta certeza.

O que Salomão fez, porém, com sua riqueza, poder e influência? Que tipo de reino construiu? Manteve a justiça e a retidão com toda a sua abundância de recursos?

Porque se pode seguir um de dois caminhos em Jerusalém, não é?

Salomão, como nós, pode usar seu poder e riqueza para fazer alguma coisa em relação ao clamor do oprimido ou fingir que não ouviu.

A Bíblia relata a história: "O rei Salomão impôs trabalhos forçados para que se construísse o templo do SENHOR, seu próprio palácio, o Milo [ou aterro], o muro de Jerusalém".³⁸

Outra palavra para trabalho forçado é, claro, "escravidão".

Salomão teve escravos. Escravos que trabalharam para construir-lhe o templo, o palácio e outras edificações.

Espere.

O templo do SENHOR?

O mesmo SENHOR que liberta escravos, correto?

O evento que definira os ancestrais de Salomão fora o êxodo, certo?

E como Salomão constrói um templo para o Deus que liberta escravos... usando escravos?

Esse é um momento importante na Bíblia.

³⁸ 1Reis 9.15. Essa grafia de SENHOR, em versal e versaleta, como neste versículo, é uma tentativa de honrar o antigo e misterioso nome de Deus, que se escreve YHVH. Para mais informação, leia Lawrence KUSHNER, **Deus esteve aqui e eu não sabia** (São Paulo: Best Seller/Círculo do Livro, 1995?).

Em questão de poucas gerações apenas, os oprimidos tornaram-se os opressores.

Os ancestrais do povo um dia clamaram por causa do cativo em que se encontravam, e agora esse mesmo povo está fazendo que outros levantem idêntico clamor.

Os descendentes do povo que um dia ansiou pela liberdade do Egito agora edificam um novo Egito.

Salomão criou um império de indiferença. Esqueceu a história de seus antepassados. Não se lembrou de Moisés exigindo que o povo fosse liberto, da fuga deles do faraó, de como foram transportados “sobre asas de águias”.³⁹

Em poucas gerações, os ex-escravos que viveram vagueando pelo deserto, que acabavam de ser resgatados de um império opressor, tinham se transformado em produtores de império.

Salomão não mantém a justiça; agora perpetua a mesma injustiça de que um dia seu povo precisou ser resgatado. E, nesse processo, edifica para si um reino de bem-estar. Janta em seu palácio e passeia por aterros construídos pelo sofrimento humano.

Contudo, não são apenas seu bem-estar e indiferença que saltam aos olhos, mas o que constrói. No trecho em que ficamos sabendo que empregava escravos para edificar o templo de Deus, seu palácio e os aterros, também está escrito que Salomão usou esses escravos para construir “Hazor, Megido e Gezer”.⁴⁰

³⁹ Êxodo 19.4

⁴⁰ 1Reis 9.15

Esse é um dos muitos lugares na Bíblia em que é fácil passar os olhos por uma lista de nomes hebraicos e não perceber o que está acontecendo sob a superfície. Afinal, o que são Hazor, Megido e Gezer?

Bases militares.⁴¹

Megido é um vale no norte de Israel, onde África, Europa e Ásia se encontram. Uma localização estratégica, para dizer o mínimo. Da palavra “Megido”, origina-se o nome Armagedom.

Salomão emprega seus imensos recursos para construir bases militares com o fim de proteger... seus imensos recursos e riquezas.

Seu empenho em edificar um império leva-o a dar grande prioridade à questão da preservação. Proteger e manter tudo que acumulou consome mais e mais recursos, à medida que volta sua atenção para a segurança interna.

Não só isso, mas depois o texto nos diz que Salomão acumulou “mil e quatrocentos carros e doze mil cavalos, dos quais mantinha uma parte nas guarnições de algumas cidades e a outra perto dele, em Jerusalém”.⁴²

Cavalos?

Carros?

⁴¹ Veja o **Eerdmans Bible Dictionary**. “Salomão reconstruiu a cidade [Hazor] como uma praça-forte” (p. 469); Megido, como “um centro administrativo e militar” (p. 706). Gezer era um pouco diferente. Primeiro Reis 9.16 diz que o faraó do Egito da época capturou Gezer, incendiou-a, matou os habitantes cananeus e deu-a como presente de casamento à filha, quando se casou com Salomão. Uma coisinha superespecial para que os recém-casados começassem bem a vida.

⁴² 1Reis 10.26

Os soldados do faraó estavam a cavalo e de carro quando perseguiram os escravos hebreus que fugiam do Egito.

E o texto continua dizendo que Salomão os importou do Egito!

Jerusalém é o novo Egito.

Há um novo faraó em cena, e seu nome é Salomão, o filho de Davi.

Não só está acumulando cavalos e carros, tanques e aviões bombardeiros da época, como as Escrituras acrescentam que Salomão e seus líderes “importavam do Egito um carro por sete quilos e duzentos gramas de prata, e um cavalo por um quilo e oitocentos gramas, e os exportavam para todos os reis dos hititas e dos arameus”.⁴³

Duas palavras: importar e exportar.

Salomão adquire cavalos e carros, mas também os vende. Salomão tornou-se um comerciante de armas. Ganha dinheiro com a violência. Descobriu que a guerra é lucrativa.

Isso é manter justiça e retidão?

Isso é ouvir o clamor do oprimido?

Isso é cuidar da viúva, do órfão e do estrangeiro?

Pouco mais à frente, lemos que Salomão “casou com setecentas princesas e trezentas concubinas, e as suas mulheres o levaram a desviar-se. [...] Suas mulheres o induziram a voltar-se para outros deuses, e o seu coração já não era totalmente dedicado ao SENHOR, o seu Deus”.⁴⁴

⁴³ 1Reis 10.29

⁴⁴ 1Reis 11.3,4

Setecentas esposas?

Trezentas concubinas?

Entretanto, o assunto principal da discussão para quem está contando essa história não são os números, mas como as mulheres afetaram Salomão. Elas o afastaram de Deus, e “o seu coração já não era totalmente dedicado”.

Essa passagem forma um contraste significativo com o que ficamos sabendo antes, envolvendo escravos e bases militares. Tratava-se então de males sistêmicos — Salomão estava criando um antirreino —, mas agora descobrimos um outro tipo de malogro. Não um malogro sistêmico, mas a mudança de rumo do coração de um indivíduo.

Salomão quebra a aliança com Deus.

Isso remonta ao primeiro dos Dez Mandamentos, aquele que fala em não se ter outros deuses. O Sinai fora uma aliança de casamento entre Deus e o povo, uma reunião do divino com o humano. Assim, o primeiro mandamento dizia que o povo não podia ter outros amantes. O relacionamento não daria certo se fossem infiéis. As muitas mulheres de Salomão e sua infidelidade a Deus representam a infidelidade de todo o povo — que se desviara de Deus. Por mais calamitoso que pareça, o povo de Salomão fora avisado de que isso poderia vir a acontecer.

No passado, Moisés dissera que o rei “não deverá adquirir muitos cavalos, nem fazer o povo voltar ao Egito para conseguir mais cavalos, pois o SENHOR lhes disse: ‘Jamais voltem por este caminho’. Ele não deverá tomar para si muitas

mulheres; se o fizer, desviará o seu coração. Também não deverá acumular muita prata e muito ouro”.⁴⁵

Salomão adquiriu muitos cavalos? *Confere.*

Tomou para si muitas mulheres? *Confere.*

Seu coração desviou-se? *Confere.*

O texto diz: “O peso do ouro que se trazia a Salomão cada ano era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro”.⁴⁶ O que equivale a quase 25 toneladas de ouro.

Salomão acumulou muita prata e muito ouro? *Confere.*

E esse número 666, o peso dos talentos de ouro? Temos aqui um modo muito judaico de anunciar que algo é ruim, obscuro, errado e contrário a Deus.

Pois em Jerusalém é possível seguir por um de dois caminhos.

E, com Salomão, a história envereda por um desvio trágico.

Ele voltou “por este caminho”.

Jerusalém é o novo Egito,

Salomão, o novo faraó,

e o Sinai foi esquecido.

Isso deixa Deus em posição embaraçosa.

Lembre-se, Deus está à procura de um corpo, de carne e sangue para mostrar ao mundo o casamento apropriado entre o divino e o humano.

⁴⁵ Deuteronômio 17.16,17

⁴⁶ 1Reis 10.14, **ARA**



O que acontece quando seu corpo não se parece nada com você?

O que acontece quando seu povo se torna a personificação de tudo que você é contrário?

O que acontece quando lhe é dado um nome ruim?

O que acontece quando seu povo é infiel ao voto que lhe fez?

O que acontece quando seu povo volta “por este caminho”, o caminho do qual você o resgatou?

■ BABILÔNIA

As Escrituras hebraicas têm uma mensagem muito simples e direta:

Deus sempre ouve o clamor do oprimido;

Deus importa-se com o sofrimento humano e as condições que o provocam.

Deus está à procura de um corpo, uma comunidade de pessoas interessadas naquilo pelo qual se interessa.

Deus outorga poder e bênçãos para que justiça e retidão sejam defendidas por aqueles aos quais foram negadas.

Deus é assim. Isso é ser Deus. Quem ele é.

Esquecer disso — deixar de ouvir o clamor, preservar a abundância à custa do impotente —, é não entender o que Deus tem em mente.

No auge do poder, Israel interpretou errado as bênçãos de Deus, dando-lhes o sentido de favoritismo e concessão



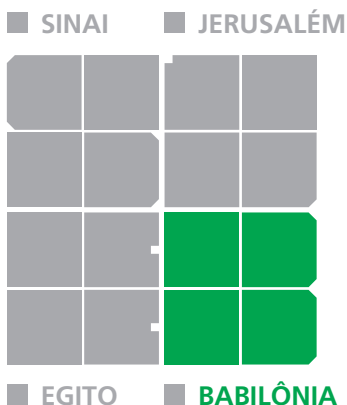
de direitos. Tornou-se indiferente a Deus e ao chamado sacerdotal que recebera com o intuito de trazer libertação às pessoas.

Existe uma palavra para isso. Uma palavra para nomear o que acontece quando você ainda detém poder, riqueza e influência, mas, de um modo profundo, pôs tudo a perder esquecendo-se do motivo pelo qual tais coisas lhe foram dadas.

A palavra é exílio.

Exílio é quando você esquece sua história.

Exílio não tem a ver apenas com localização, mas com o estado da sua alma.



Exílio é quando você deixa de converter suas bênçãos em bênçãos para os outros.

Exílio é quando você se descobre um estranho para os propósitos de Deus.

E é nesse momento que encontramos os profetas, vozes poderosas a alertar contra as consequências inevitáveis da infidelidade de Israel.⁴⁷

Disse o profeta Amós: “Ouçam esta palavra que o SENHOR falou contra vocês, ó israelitas; contra toda esta família que tirei do Egito: [...] ‘Reúnam-se nos montes de Samaria para verem o grande tumulto que há ali, e a opressão no meio do seu povo. Eles não sabem agir com retidão’, declara o SENHOR, ‘eles, que acumulam em seus palácios o que roubaram e saquearam’ ”.⁴⁸

Uma das primeiras exortações de Amós afirma que algumas pessoas estão sendo negligenciadas enquanto outras estocam o excedente. Diz isso por causa do seguinte: Jerusalém será destruída. “ ‘Derrubarei a casa de inverno junto com a casa de verão; as casas enfeitadas de marfim serão destruídas, e as mansões desaparecerão’, declara o SENHOR.”⁴⁹

O profeta Isaías revela para o povo de Israel que, quando oram, Deus diz: “esconderei de vocês os meus olhos” porque “as suas mãos estão cheias de sangue!”.⁵⁰ Deus vê as bases militares, os cavalos e os carros daquele povo pelo que de fato são — custos inaceitáveis do império.

E os profetas não param na condenação do império; reservam suas críticas mais duras para a religião que impulsionava

⁴⁷ Se presumirmos que profeta é apenas alguém que fala em nome de Deus, você poderia dizer que a rainha de Sabá dá início a toda essa atividade profética ao confirmar as intenções justas e retas de Deus, durante sua visita a Salomão. Pouco depois, o profeta Aías anuncia a queda de Salomão (1Reis 11), seguindo, algumas gerações mais tarde, pelo profeta Jeú (1Reis 16). Em bem pouco tempo, chega-se aos profetas que ficaram famosos o suficiente para ter seus próprios livros na Bíblia, nomes como Amós, Isaías e Miqueias. (Agradecemos a Ben Irwin pela linguagem utilizada nesta linha do tempo.)

⁴⁸ Amós 3.1,9,10

⁴⁹ v. 15

⁵⁰ Isaías 1.15

tudo isso. Isaías declara que Deus odeia — a ponto de dizer que “não as suporto mais” — as “festas da lua nova e suas festas fixas” e “suas assembleias cheias de iniquidade”.⁵¹

Deus chama seus cultos na *igreja* de “assembleias cheias de iniquidade”.⁵²

Será que Deus odeia suas reuniões religiosas?

Quando está engajado em uma missão, o que Deus tem a ver com uma religião que legitima a indiferença e as instituições que negligenciam o necessitado?

Amós diz: “Ouçam esta palavra, vocês, vacas de Basã que estão no monte de Samaria, vocês, que oprimem os pobres e esmagam os necessitados”.⁵³

As vacas de Basã eram famosas por serem grandes, saudáveis e bem alimentadas. Amós compara as mulheres ricas de Israel às vacas que pastam vorazes enquanto outras morrem de fome. Deus não tem nada contra comer, beber e possuir coisas. Mas, quando essas coisas são adquiridas à custa da satisfação das necessidades básicas dos outros, aí, sim, os discursos apaixonados dos profetas entram em ação.

⁵¹ v. 13,14

⁵² Embora não haja nenhuma justificativa textual para empregar o termo *igreja* aqui, existe uma razão teológica para isso. Teólogos de toda uma variedade de tradições sustentam que sempre existiu um único povo de Deus. Isaías apresenta uma mensagem nesta passagem para o povo de Deus, Israel. As assembleias eram o que havia de mais parecido com aquilo que hoje conhecemos como igreja.

⁵³ Amós 4.1. As “vacas de Basã” de Amós fazem referência a um cântico de Deuterônimo 32.14. A *NVI* intitula-o de “A Canção de Moisés”, mas poderia ser chamado de “O cântico do segundo êxodo”. Pranteia o castigo que se abaterá sobre Israel depois que a nação tomar a terra, engordar com o gado e os melhores carneiros de Basã e esquecer-se de Deus. Deuterônimo 32 é também um grito de esperança pela misericórdia que se seguirá ao exílio futuro de Israel, esperança essa que influenciará a trajetória da Bíblia e sua busca por outro libertador que lidere um novo êxodo.

E essa palavra que Amós usa: opressão? Nós a ouvimos pela primeira vez no Egito.

Amós insiste em que Deus odeia a adoração daquele povo: “Afastem de mim o som das suas canções e a música das suas liras. Em vez disso, corra a retidão como um rio, a justiça como um ribeiro perene! [...] Ouçam, vocês que pisam os pobres e arruinam os necessitados da terra, [...] comprando o pobre com prata e o necessitado com um par de sandálias”.⁵⁴

Deus é paciente, mas também pragmático. Ele tem um plano. Ele se importa com o sofrimento do mundo e não permitirá que a indiferença do seu povo atrapalhe seus planos de aliviar esse sofrimento.

Por intermédio de Amós, Deus desfere o golpe esmagador: “Por isso vocês estarão entre os primeiros a ir para o exílio; cessarão os banquetes dos que vivem no ócio”.⁵⁵

Amós prevê que os opressores estarão à frente daqueles que serão arrastados para uma terra estrangeira. Quão ofensivo isso lhe pareceria se você fosse um líder de Israel vivendo em Jerusalém?

Amazias, o rei, descendente de Salomão, diz em resposta ao discurso bombástico do profeta: “Vá embora, vidente! [...] Não profetize mais [...] porque este é o santuário do rei e o templo do reino”.⁵⁶

Claro que o rei odiou essa mensagem. Como Amós ousa introduzir essas palavras violentas no santuário do poder?

⁵⁴ Amós 5.23,24; 8.4,6

⁵⁵ Amós 6.7

⁵⁶ Amós 7.12,13

Amós responde: “Eu não sou profeta nem pertencço a nenhum grupo de profetas, apenas cuido do gado e faço colheita de figos silvestres. Mas o SENHOR me tirou do serviço junto ao rebanho e me disse: ‘Vá, profetize a Israel, o meu povo’. [...] O SENHOR lhe diz: ‘Sua mulher se tornará uma prostituta na cidade, e os seus filhos e as suas filhas morrerão à espada. [...] E Israel certamente irá para o exílio, para longe da sua terra natal’ ”.⁵⁷

A cena impressiona. Um simples pastor enfrentando o homem mais poderoso da nação com a mensagem de que o rei está prestes a perder tudo, o império acabou, não sobreviverá. E, quando o rei o expulsa, Amós acrescenta: “Ah, por falar nisso, sua esposa se tornará uma prostituta e todos os seus filhos serão assassinados”.

Isaías, Amós, Oseias — os profetas vêm para lembrar o povo do Sinai, para trazê-lo de volta à aliança que tinham estabelecido com Deus, para ajudá-los a recordar que Deus está à procura de um corpo.

Israel, porém, não ouve. Em 2Crônicas, está escrito que Deus enviou-lhes esses profetas porque “tinha compaixão de seu povo e do lugar de sua habitação”.⁵⁸

Deus quer viver no meio do povo, na união sagrada entre o divino e o humano, mas o povo não está interessado.

Crônicas continua: “Mas eles zombaram dos mensageiros de Deus, desprezaram as palavras dele e expuseram ao ridículo os seus profetas”.⁵⁹

⁵⁷ v. 14-17

⁵⁸ 2Crônicas 36.15

⁵⁹ v. 16

Amós é expulso do palácio,

Jeremias é espancado e preso a um tronco e jogado dentro de um poço,

e o povo não muda.

Não se lembram mais do Egito.

Esqueceram do Sinai.

Estão confortáveis demais.

O sistema trabalha a favor daqueles que detêm o poder e a influência para mudá-lo.

Eles não conseguem ouvir o clamor.

E assim Deus sofre,⁶⁰ Deus é paciente, Deus espera, mas chega um ponto em que nada mais pode ser feito.

No fim, “o rei dos babilônios [...], no santuário, matou os seus jovens à espada. Não poupou nem rapazes, nem moças, nem adultos, nem velhos. [...] Levou para a Babilônia todos os utensílios do templo de Deus, tanto os pequenos como os grandes, com os tesouros do templo do SENHOR, os do rei e os de seus oficiais. Os babilônios incendiaram o templo de Deus e derrubaram o muro de Jerusalém; queimaram

⁶⁰ As pessoas relutam em atribuir a Deus características humanas como sofrimento ou procura, pois isso implica que Deus é inconstante ou incompleto. Mas um Deus que sofre pela condição humana e procura um corpo para aliviar esse sofrimento é um aspecto crucial da teologia judaica. Abraham Joshua Heschel intitula toda a sua filosofia do judaísmo como “Deus em busca do homem”, afirmando que “não só o homem precisa de Deus, como Deus também tem necessidade do homem. É esse entendimento que torna a alma de Israel imune ao desespero” (HESCHEL, Abraham Joshua. **Deus em busca do homem**. São Paulo: Arx, 2006). A teologia judaica parece bastante pronta para aceitar um Deus que se torna homem, ao passo que a teologia cristã abrange a crença de que Deus já fez isso.

todos os palácios e destruíram todos os utensílios de valor que havia neles. Nabucodonosor levou para o exílio, na Babilônia, os remanescentes, que escaparam da espada, para serem seus escravos e dos seus descendentes, até a época do domínio persa”.⁶¹

Tudo desmorona, o templo é destruído, muitos são mortos, e aqueles que sobrevivem são levados para uma terra estrangeira chamada Babilônia.

E na Babilônia os sobreviventes tornam-se “escravos”.

Os israelitas veem-se escravos em uma terra estrangeira.

Isso soa familiar?

Soa um bocado como o Egito, não?

⁶¹ 2Crônicas 36.17-20